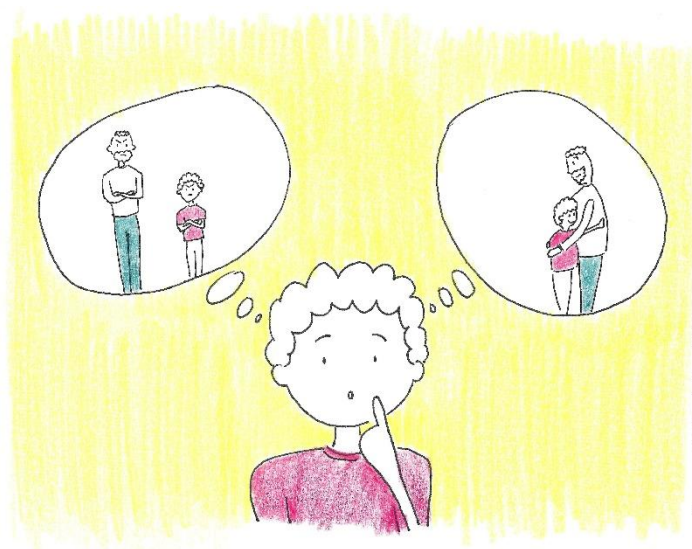


# Inferioridade



**Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper<sup>1</sup> nos fala sobre termos e mentalidades:  
Inferioridade**

Original: [educacion.press/2017/08/23/terminos-y-mentalidades-laboriosidad-productividad/](http://educacion.press/2017/08/23/terminos-y-mentalidades-laboriosidad-productividad/)

Você pode! Você merece! Você é muito bom no que faz! Bom menino! Nunca desista! Este costuma ser o tormento de sugestão (se não de autossugestão), com que se bombardeiam os filhos e alunos para evitar sentimentos de inferioridade. E, com pessoas adultas, se costumam usar frases *slogan* com um tom mais intelectual citando alguém, mas no fundo não diferem muito; já que acabam batendo à força do Eu que pode se autocriar sem referência aos outros. É realmente este é o caminho? Ou essa é mais uma forma de despertar o sentimento de inferioridade que se pretende combater. Em UpToYou pensamos que esta é uma das formas de despertar o sentimento de inferioridade. Aqueles que utilizam essas frases acreditam estar lutando contra a causa do sentimento de inferioridade, que consideram ser a baixa autoestima. Mas já vimos, ao falar sobre autoestima, que sua carência está relacionada à vergonha, não à inferioridade.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Portos e Caminhos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.

Do sentimento de inferioridade não se deduz automaticamente que a pessoa deva cair na depreciação, mas que esta é uma das opções possíveis. Devido a muitos fatores, incluindo a personalidade, duas pessoas podem ter um sentimento de inferioridade e se manifestar de maneira muito diferente. Por exemplo, pode-se cair em uma atitude servil e de autodesprezo, enquanto outro poderia desenvolver o mesmo sentimento em um formato agressivo, aparentando justamente o oposto da inferioridade, ou seja, mostrando-se superior aos demais.

Se a pessoa não descobre o valor da sua vida, dará valor ao que faz, não ao que é. Como se um bonito papel de presente pudesse consertar a feiura do seu interior. Assim, o sucesso pode estar inclusive encobrindo um sentimento de inferioridade. Uma atitude soberba também poderia estar encobrindo um sentimento de inferioridade. Como saber se isto é assim? O melhor teste para isso é a resposta pessoal ante a contradição. Imaginemos uma reunião em que alguém faz uma proposta e essa proposta é rejeitada. A reação pode ser muito variada, entre outras, pode haver uma resposta agressiva. A agressividade pode mostrar-se de muitas maneiras, por exemplo, através da ironia, que pode ser uma forma inteligente de agressividade verbal. Assim, a agressividade nem sempre comporta violência física. O que está por trás dessa agressividade? Certamente podem dar-se muitas situações, mas uma delas é o sentimento de inferioridade. Se alguém pensa que não vale como pessoa, dará valor ao que faz, como forma de valorizar a si mesmo. Assim, ele defenderá o seu trabalho (por exemplo, uma proposta que oferece em uma reunião), como se tratasse de defender a sua vida e sentirá como uma agressão pessoal o que apenas foi questionar uma ideia.

Por outro lado, quem conhece o valor de sua pessoa independente do que faça, não se sentirá agredido quando questionem "seu" trabalho e poderá ter um comportamento mais humilde.

As frases motivadoras que ressaltam a fortaleza de si mesmo descansam na potência do eu como ator e autor de sua própria vida, ignorando profundamente que o ser humano é um ser intrinsecamente relacional. Estas frases ou se centram em uma avaliação artificial do eu, ou em uma projeção sobre as próprias ações. No final, é sempre o mesmo: eu, eu, **EU**. Muitos *coaches* querem combater a falsa artificialidade da sugestão caindo na projeção do eu em suas ações e não percebem que não geraram nenhuma novidade: o Eu continua sendo o rei. Por outro lado, quanto mais se afirma o Eu à margem da relação, mais se desvaloriza o Eu. É como tomar bebidas energéticas, que na verdade são depressivas. Qualquer afirmação do Eu fora da relação do encontro com um Tu é uma quimera. Levinás e Buber

expuseram isso muito bem. Mas vamos recorrer a Erikson mais uma vez para mostrar qual é o significado da laboriosidade ou produtividade; e assim evitar cair na má interpretação que geralmente é feita de que se eu não for bom no que faço, terei baixa autoestima, o que se reconhecerá nos sentimentos de inferioridade.

A laboriosidade ou produtividade segundo Erikson é o desafio próprio dos anos de educação primária (6-11 anos aproximadamente). A má vivência deste desafio levará ao sentimento de inferioridade e a boa vivência do desafio levará a pessoa a saber estabelecer meios para alcançar os seus objetivos que foram definidos na fase anterior de iniciativa (3-6 anos aproximadamente), onde o objetivo central é o encontro interpessoal. Assim, a fase de laboriosidade ou produtividade é certamente a fase em que o Eu vai ganhar muita força para concretizar o encontro interpessoal. Para entender bem a laboriosidade x inferioridade, é necessário saber que esses anos são os anos em que se fazem as primeiras experiências de amizade. A consciência de pertencer a um grupo e de que o grupo tem uma intenção já é percebida aos 9 anos. Assim, a criança se vê no meio de um grupo. Em um sistema escolar que descansa na avaliação de resultados de competências e as competências se avaliam não pelo que acontece na pessoa, mas por sua efetividade em resolver de problemas que acontecem fora dela, a criança acabará entendendo as relações com os colegas em chave de competência. Foi-lhes dado o critério de comparação entre si: a competência alcançada e, com isso, se favorece que as crianças se comparem pelo seu trabalho, em vez de viver a experiência de poderem construir juntos um mundo melhor, que é o verdadeiro sentido da produtividade. Assim, a educação em competências isoladas de seu verdadeiro contexto é a base não só para o sentimento de inferioridade, mas também para o de soberba. A inferioridade pressupõe que uma foi feita uma comparação entre as pessoas por algo externo a elas: a competência. Por outro lado, se a escola fosse um lugar onde se vive e em que todos podem contribuir para a construção social (então se está dando passagem para a capacidade e a potência criativa do Eu), não se promoverá a comparação valorativa entre eles, mas sim o sentimento de gratidão, expulsando assim a experiência de inferioridade.

Uma das ideias centrais de Erikson é a impossibilidade de entender a vida de uma pessoa como etapas estanques, pois as etapas anteriores geram uma disposição em um sentido ou outro na etapa seguinte. O ser humano é um ser com história. Recordemos o artigo sobre a iniciativa. Ali vimos que a iniciativa é algo muito pessoal. A criança deseja ser como seus pais, e por isso quer fazer o que seus pais fazem. Esse é o objetivo: compartilhar a mesma vida dos pais. Portanto, é



surpreendente ver que primeiro se adquire a capacidade de ter objetivos (etapa de iniciativa) e depois a capacidade de estabelecer meios para alcançá-los (etapa de indústria ou produtividade).

Isso na educação é fundamental. São muitos os filósofos da educação e de perspectivas muito diferentes: Aristóteles, Peters, Whitehead, Kwoles, Altarejos, Kohlberg, Freire... e distintos relatórios internacionais da UNESCO (como o famoso de Delors) que mostram reiteradamente que, se o objetivo final do ato educativo é o desfrute do encontro interpessoal que gera crescimento não se faz presente em cada ato educativo, estes perdem o valor e a consistência. O ser humano nunca trabalha por trabalhar. Realizamos muitos projetos, sim, é verdade; mas realizamos muitos projetos porque nós somos o nosso grande projeto: a autodeterminação no encontro interpessoal (Leonardo Polo).

Por isso a laboriosidade não tem outro sentido, a não ser favorecer o encontro interpessoal. Muitas vezes se quer motivar crianças e adolescentes dizendo-lhes que o que fazem será muito útil para a vida adulta. Essa argumentação é geralmente rejeitada, sobretudo na adolescência. E é rejeitada na adolescência não por rebeldia, mas por inteligência. Talvez mais inteligente do que o pai ou o professor que lhe dá essa instrução. É mais inteligente, porque não há motivo para pensar que isso me servirá para a vida adulta, se isso já não está servindo para o encontro interpessoal. O que é servir para a vida adulta? Servir para entrar em uma cadeia de produção? Isto servirá para passar no curso, o curso para conseguir o diploma, o diploma para ter um emprego, o emprego para comprar uma casa boa, a casa para... Sempre vivendo por um “para” que não existe. O único 'para' que dá sentido a qualquer ação não é outro, senão o desfrute do encontro interpessoal. Então, depois da rebeldia adolescente, não há razão para entender como desprezo ao adulto, mas sim como um ato de inteligência: Para que vai me servir estudar isso, se não me serve já para poder encontrar-me contigo? Como o fim último não se faz presente em todas as ações (que não deixam de ser meios), estas perderão seu sentido.

Este é o contexto da indústria e da produtividade: promover um mundo de encontro. Por outro lado, costuma-se potenciar o sucesso no trabalho ou a autoconfiança nas próprias capacidades, fechando a pessoa sobre o objeto, ou por uma apreciação subjetiva de um Eu isolado do relacionamento. Isto vai despertar a comparação valorativa entre eles e, assim, surgirá a inferioridade. Que maneira de deixar as pessoas doentes! Logo acabará aparecendo o sentimento de inferioridade e não se saberá o porquê. Ao não saber por quê, continuarão insistindo em sua



estratégia de promover o sucesso no trabalho e a autovalorização subjetiva, aumentando assim o sentimento de inferioridade. Como um viciado em drogas, que tenta escapar da angústia gerada após a dose anterior com uma nova dose, que aumentará sua angústia. Uma cura que mata. Depois esses filhos, quando se tornem pais, farão o mesmo com seus filhos e então achamos estranho viver em uma sociedade doente e enlouquecida.